

*Mudei meu passado,
e agora?*

Coca Valença & Solange Sólton Borges

*Mudei meu passado,
e agora?*

Ae 
O Artífice editorial



“Sabemos o que somos, não o que poderíamos ter sido”.

Ofélia, em Hamlet, de Shakespeare





Sumário



Capítulo 1 – E foi assim que tudo começou	13
Capítulo 2 – A oferta misteriosa	23
Capítulo 3 – O <i>Praeteritum</i>	32
Capítulo 4 – A decisão: voltar ao passado ou abraçar o presente?	47
Capítulo 5 – O retorno ao pretérito	60
Capítulo 6 – De volta às quadras e ao sonho	70
Capítulo 7 – No circuito internacional	83
Capítulo 8 – Nova tentativa, agora nos Estados Unidos	94
Capítulo 9 – Segunda tentativa	108
Capítulo 10 – Nádia	123
Capítulo 11 – Encontros	134
Capítulo 12 – O reencontro com Alice	148
Capítulo 13 – Uma saída	165
Capítulo 14 – Escolhas	185



Devemos abrir mão da vida que planejamos para ter a vida
que nos espera.

Joseph Campbell



Quanto você seria capaz de pagar para ter dezoito anos outra vez? Se fosse um milionário, quanto estaria disposto a desembolsar para retornar ao passado e alterar fatos e atitudes tomadas e dos quais se arrepende até agora?

Era exatamente isso o que atormentava Enzo, poderoso empresário, entrevado em uma cama de hospital, vítima de uma doença degenerativa, que o atingira repentinamente e para a qual não havia nenhuma previsão de cura à vista.



Capítulo 1

E foi assim que tudo começou...

A tarde ardia, uma tendência reforçada desde o início da semana. O ruído frio e repetitivo dos aparelhos que monitoravam a frágil saúde de Enzo tornava o ambiente mais monótono. Tudo se arrastava ali, o tempo e os pensamentos. Ninguém se importava com a televisão ligada ou com o que dizia.

No sofá de visitas, a esposa, Alice, mantinha o olhar cabisbaixo e a atenção dividida entre Enzo e o rosário, que movimentava sem pressa entre suas mãos frágeis, mas seu espírito buscava refúgio longe dali: em Maurício. Em breve, o filho regressaria ao Brasil e, pela primeira vez, não sentia alegria alguma em vê-lo de volta nessa circunstância.

Alheio ao que se passava no coração e nos pensamentos de Alice, Enzo ousou abrir os olhos. Aos poucos, reconheceu onde se encontrava e certificou-se de que não estava imerso em um pesadelo. Tratava-se de mais um dos inumeráveis cochilos aos quais se entregava durante o dia com a intenção velada de acelerar o tempo para que tudo se acabasse de uma vez. Seu olhar vagou pelo quarto particular: móveis modernos e funcionais, vasos com flores substituídas todos os dias a fim de alegrar aquela paisagem inóspita, mais uma enorme tela de última geração.

— Vamos ao Hospital Santiago. Ontem à noite, um aposentado de 72 anos morreu por falta de atendimento... — anunciava o âncora do jornal. — ...com a repórter Cássia Nogueira.

Enzo já assistira pelo menos uma dezena de reportagens como aquela desde que seu corpo virara um cárcere. Mesmo sem interesse, manteve-se atento:

– Em dias normais, o pronto atendimento do hospital já não tem capacidade para socorrer a todas as pessoas. Nesta véspera de feriado, muitos médicos faltaram aos plantões, sobrecarregando e comprometendo o atendimento aos pacientes... – prosseguiu a repórter.

“Véspera de feriado? Qual feriado?” – perguntou-se Enzo, sem saber ao certo a qual data ela se referia. Havia perdido a noção do tempo após a sequência de dias similares, tediosos e sem importância com os quais se defrontava ultimamente.

– Com tantos pacientes para serem atendidos... – continuou. – ...o plantonista teve de escolher de quem cuidaria primeiro e optou pelos pacientes em estado mais grave mas com mais chances de reagir ao tratamento, na emergência. Assim, o aposentado demorou a ser socorrido e morreu nas primeiras horas da madrugada, nas dependências do hospital.

A atenção de Enzo fixou-se nas imagens à volta da repórter: cenário de guerra, pacientes espalhados por todos os cantos, médicos e enfermeiros se movimentando com dificuldade entre dezenas de pessoas mal acomodadas em macas improvisadas, cadeiras e colchonetes espalhados pelos corredores. Um doente chamou sua atenção: jovem, com a cabeça encostada à parede, bermuda barata de surfista e chinelo de dedo. Provavelmente, mais um delinquente apanhado pela polícia. Em uma cadeira, o garoto equilibrava com a mão direita o frasco de soro introduzido na veia do seu braço esquerdo que se encontrava algemado.

Enzo sorriu, irônico, e pensou:

“Que absurdo! Eu, aqui, com todos os recursos que a Medicina oferece, com todo o conforto que o dinheiro pode pagar, conto cada dia de vida à espera da morte, enquanto aquele ladrãozinho, jogado em um canto qualquer, sem dinheiro, sem condições mínimas de higiene e saúde, é capaz de se recuperar rapidamente e sair dali, pronto para roubar de novo!”

Irritado com o que considerava grave injustiça contra si, desviou o olhar para o teto a fim de fugir da realidade ou resignar-se perante sua doença terminal. Não conseguiu. E rangeu os dentes.

“Sei que vou morrer em breve. Os médicos só me deram mais três meses de vida. Se eu puder me encontrar com Deus, após minha partida, vou olhar diretamente nos olhos dEle e perguntar: Por que eu? Por que eu já que tem tanta gente ruim no mundo, que merecia estar aqui no meu lugar?” – prometeu a si mesmo.

Alice, que não imaginava o tumulto que desequilibrava o íntimo do marido, não seria capaz de mensurar todo o sofrimento dele, apesar de ter noção do quanto estava sendo difícil para Enzo encarar suas limitações e finitude. Absorta nessa reflexão, assustou-se com o sinal do celular e a mensagem: “Estou em Berlim. Embarco agora. Chego amanhã. Bjs. Maurício.”

Alice sorriu e reconfortou-se diante da imagem do filho amado, que andava distante havia alguns meses:

“Sempre foi um filho de ouro. Nunca nos deu problemas...” – agradeceu, em pensamento ao recordar com carinho os momentos abençoados da infância e adolescência dele.

Apesar da idade avançada, era uma mulher extremamente bela. Seus cabelos loiros, grisalhos agora, não eram mais presos em um rabo de cavalo, como era usual quando jovem. No entanto, bem cuidados, presos em coque jeitoso, garantiam-lhe um ar aristocrático. Os olhos azuis claros mantinham a vivacidade, apesar da presença indesejada de rugas e marcas de expressão no rosto delicado. Por ser magra e esguia, a beleza se fortalecia. Elegante, amável, sensível, doce e submissa. A esposa desejada por todos os homens. Ou quase todos...

Após brigar com a vida e blasfemar contra Deus, Enzo retomou o estado de resignação, a fim de aceitar o inevitável. Ao observar aquela pessoa tímida e contraída, com o rosário entre as mãos, pensou que provavelmente ela rezava por ele.

“Alice é uma grande mulher” – admitiu. – “Desde que fui internado, ela não arredou pé deste quarto, mesmo sabendo que não existe remédio para o meu problema... Mesmo sabendo que daqui para a frente as coisas só tendem a piorar cada vez mais...”

No entanto, apesar de reconhecer o valor da esposa, sua dedicação e inúmeras qualidades, não suportava a submissão, dependência e previsibilidade que demonstrou ao longo de toda a vida.

Para ele, cuja sinceridade era cruel, esses atributos revelavam falha de caráter. Embora se sentisse em dívida com ela por tudo o que fizera em tantos anos de companheirismo, não negava que a mulher que habitava suas fantasias definitivamente não era Alice.

Naquele momento, viajou ao passado, às suas recordações, e se viu frente à Nádia.

“E se eu tivesse largado tudo e ido atrás dela?” – Enzo se perguntava, trazendo à tona aquela dúvida que sempre o torturou. – “Certamente eu teria sido bem mais feliz” – concluiu, friamente, sem sentir-se culpado por pensar em outra mulher diante da esposa.

Nesse momento, Alice suspirou, apreensiva com as consequências do retorno antecipado do filho para casa. Por um lado, seria ótimo tê-lo ao lado. Ela o amava profundamente, além de ser seu único filho. Isso sem contar o alívio em poder dividir a dor com alguém tão próximo, mas o fato não lhe trazia tranquilidade total.

A reação de Enzo quando soubesse da chegada do filho era uma incógnita. Afinal, a relação entre eles nunca fora tão próxima como se esperava. Na verdade, parecia existir uma distância intransponível que nunca conseguiram superar. Um profundo abismo emocional.



Maurício já estava habituado àquela rotina, à beleza fria e limpa da arquitetura dos principais aeroportos da Europa, à desagradável porém obrigatória passagem pela alfândega, à espera infinita até o momento do embarque, à garganta metálica que o guiava ao interior do avião engolindo-o, além do sorriso artificial das comissárias de bordo com aquela gentileza ensaiada cem mil vezes. Só que dessa vez tudo parecia diferente. E era diferente.

Ele cumprimentou a comissária bonita e elegante que o atendeu na primeira classe, ocupou sua poltrona, pôde se livrar do sobretudo e afrouxar o incômodo nó da gravata. Enfim, recostou-se para contemplar a restrita paisagem recortada pela janela da aeronave. Um quadro vazio: era noite, mais de dez horas em Berlim e, na verdade, não se via muito do lado de fora a não ser o breu e o vulto de alguns trabalhadores transferindo as malas para o compartimento inferior das aeronaves e manobrando carrinhos de carga.

Antes da decolagem, digitou breve mensagem à mãe: “Estou em Berlim. Embarco agora. Chego amanhã. Bjs. Maurício.” E desligou o celular.

Ao fechar os olhos, embarcou em seus pensamentos, mas, após algumas horas de voo, Maurício estava farto: não descobria solução alguma por mais que se esforçasse, só existiam saídas pessimistas. Na verdade, chegou à conclusão que não havia opção... pois a única coisa que não tinha solução era a morte. Para o resto, sempre se dava um jeito. Mas ele não havia perdido o pai ainda! Tratava-se de uma doença degenerativa, autoimune, incurável, é verdade, e o médico lhe dera mais três meses de vida. Então, ainda não era o fim de tudo.

Deixar a Europa e voltar ao Brasil, para casa, e ficar ao lado do pai parecia o caminho óbvio se eles fossem unidos. Unidos? Não! Na verdade, o pai impôs uma relação distante e era duro e rígido demais com ele e até mesmo indiferente. E não se lembrava de uma atitude aberta de carinho por parte dele, fisicamente falando. Um abraço mais apertado, um beijo, uma conversa mais íntima entre pai e filho.

Maurício justificava essa atitude como consequência da criação que Enzo tivera do próprio pai e, depois, reproduzira com o filho. Em seu íntimo, admirava o que havia conquistado, sua conduta como homem tenaz perante a vida. O X da questão é que, sempre que se encontravam, discutiam, e nada que Maurício fazia parecia agradá-lo. Por isto, a certeza: quando o pai o visse, brigaria pelo seu retorno antecipado.

“Talvez seja por conta das circunstâncias” – pensava consigo. – “Sei que ele partirá logo e não há nada que possamos fazer para evitar essa passagem.”

A morte é visitante sorrateira. Quando se aproxima, as brigas, as desavenças, os problemas que tivemos com quem vai acompanhá-la são esquecidos. Ao mesmo tempo, as qualidades, as boas ações de quem parte se revestem de brilho especial. Mas, depois que a morte encerra o seu trabalho, deixa sempre a dúvida: e se pudéssemos apagar tudo de ruim que aconteceu no passado? E se tivéssemos agido diferente com essa pessoa, enquanto viva? Com mais tolerância? Se fôssemos mais flexíveis? Se não levássemos as coisas tão a sério? O problema é que a resposta para essas perguntas estão aprisionadas no passado. E, infelizmente, ninguém pode mudar o que já aconteceu.

Em sincronia, enquanto Maurício refletia sobre sua vida em família durante o voo e a possível reação de seu pai face à sua volta, Alice se preocupava com a melhor atitude a tomar para preparar o espírito de Enzo: avisá-lo da chegada do filho ou calar-se, deixando

que a situação se resolvesse espontaneamente? Isso seria possível? Ela se martirizava com a reação de ambos: um, vendo sua autoridade ameaçada; o outro, provando que era capaz de tomar suas próprias decisões.

A última discussão entre eles ocorrera logo após Enzo ter conhecimento do diagnóstico da doença, já em estágio avançado. O embate entre os dois deixara Alice emocionalmente arrasada:

– Você precisa tomar as rédeas dos negócios da família! Não estarei mais por aqui para tomar conta de vocês – berrava Enzo para Maurício, revivendo seu jeito autoritário de sempre, elevando o tom.

– E quem garante que eu não irei morrer antes do senhor, pai? Quem te falou que eu terei uma vida longa e saudável? Não passa pela sua cabeça que eu possa ser atropelado por um caminhão quando sair desta casa? Ou levar um tiro durante um assalto? Ou ser fulminado por um raio? Ou sofrer um enfarte fulminante?

– Pare de falar besteiras, rapaz! – resmungou o pai, baixando a voz.

Em silêncio durante alguns segundos, numa trégua momentânea, observaram-se, como em um jogo de xadrez, a esperar o próximo movimento do inimigo à frente, estudando qual peça mover.

Foi Maurício quem retomou o embate:

– Pai, eu sempre estive ao seu lado, ajudando nos negócios. O senhor me preparou muito bem. Confie nisto. Sempre segui suas orientações, fiz o que o senhor me mandou. Nas oportunidades em que deixou as empresas aos meus cuidados, por uma viagem ou qualquer outro motivo, dei conta do recado. Sinto-me preparado e acho que até você considera isso, mas não acho lógico ficar longe

daqui depois do que o médico nos falou... – fez uma pausa, assumiu expressão amigável, quase abatida. – Caramba, pai! Você só tem mais seis meses de vida, e eu quero compartilhar contigo esses momentos.

Enzo pareceu sensibilizar-se por um segundo com o poder daquelas palavras, mas logo se empertigou, retomando a rigidez:

– E o que faríamos com esse tempo? Iríamos pescar? Jogar xadrez? Viajar? Ora, Maurício, deixe de sandices! Nunca fizemos isso durante seus vinte e cinco anos de idade e não seria agora que teríamos ataques melancólicos como esse! Sejamos racionais! Não há nada a fazer para impedir o fato de que minha morte se aproxima cada vez mais! Vou partir, ponto. Mas você e sua mãe ficarão aqui. Então, o mais importante a se fazer é preparar o futuro para quando isso ocorrer. Por isso, preciso que você assuma de uma vez por todas os negócios. Assuma o cargo de presidente e se prepare para os problemas que precisará enfrentar.

– Pai, já estou preparado! Você me deu condições para frequentar as melhores escolas. Trabalho contigo desde os meus dezessete anos e já ocupei seu lugar dezenas de vezes. Tudo o que podia ser feito já foi feito. E mesmo se eu fosse um zero à esquerda em termos de administração, o que você conseguiu amealhar até hoje é mais do que suficiente para que nossa família sobreviva com luxo até a segunda ou a terceira geração, sem precisar ganhar um centavo a mais para isto!

Mesmo diante de argumentos tão racionais, Enzo contestou:

– Isso que você disse é uma ideia estapafúrdia!

– É para provar que posso ficar aqui, bem perto de você durante esse tempo. Não importa o que deixemos de ganhar, mas, sim, o fato de ficarmos juntos o máximo possível!

Enzo foi ficando cada vez mais vermelho, encolerizado, a respiração pesada, e desabou com todo o seu peso com as duas mãos fechadas sobre a mesa, bufando.

Maurício preocupou-se com o estado de saúde do pai, que abriu a primeira gaveta da escrivaninha de onde tirou um envelope e jogou-o sobre a mesa:

– Mandei emitir essas passagens para você. Quero que visite todos os escritórios das nossas empresas na Europa. Ponha-se a par da situação de cada uma delas. Faça os ajustes que considerar necessários. Sei que a saúde financeira delas é bastante otimista, porém, é melhor se certificar pessoalmente de tudo o que está acontecendo por lá. Se você não se preocupa com o seu futuro, seja um pouco responsável e pense ao menos em sua mãe.

Esse não era um ponto de negociação, mas uma ordem categórica. Maurício conhecia o pai a fundo e sabia que a conversa havia acabado ali, definitivamente. De nada adiantaria ele lançar mais palavras ao vento, argumentar ou mostrar seus sentimentos. Pegou as passagens, olhou os destinos e mentalmente computou o tempo que iria levar para completar aquela missão a que estava sendo obrigado a cumprir.

– Pai, você sabe que se eu fizer o que o senhor está mandando, levarei tanto tempo para cumprir todos esses roteiros que talvez não esteja por aqui quando...

Enzo o interrompeu:

– Melhor assim! Sempre achei esse ritual de despedida uma besteira. Não quero que você interrompa seus compromissos. Não quero que volte para o meu enterro. Não quero que a vida pare por causa da minha morte. O mundo continua girando...

– Pai, mas...

Enzo deu um soco na mesa, mais do que irritado:

– Isso é uma ordem, Maurício!

O ar pareceu congelar-se à volta de pai e filho.

Derrotado, Maurício virou as costas para Enzo e se retirou. Não concordava com essa linha de pensamento do pai, especialmente nesse momento tão sensível para a família. Contudo, desde garoto aprendera a obedecê-lo sem discutir.

Com os gritos do pai ainda ecoando em sua mente, as lágrimas começaram a rolar. Ao deixar a biblioteca, onde conversavam, encontrou Alice que o abraçou emocionada e o consolou em seu silêncio sublime e carinhoso de mãe afetuosa.

Ela estivera ali o tempo todo, rezando do lado de fora com toda a sua força para que pai e filho entrassem em acordo, se entendessem. Em alguns momentos, sentiu vontade de entrar e intervir no rumo que tomava aquela conversa. Mas, assim como Maurício, também aprendera a não discutir e a seguir a vontade do marido.

Agora, passados três meses daquela discussão, o coração de Alice voltava a se apertar ao imaginar o que Enzo diria quando visse Maurício diante de si, quando os dois homens que mais amava em sua vida estivessem mais uma vez frente a frente com suas diferenças nunca aparadas.

Capítulo 2

A oferta misteriosa

Após às dezesseis horas, como ocorria todos os dias, o doutor Mendes entrou no quarto de Enzo para a visita rotineira a fim de acompanhar a evolução do tratamento prescrito.

Ele deveria ter pouco mais de 1,70 m com alguns quilos acima do peso ideal, cabelos grisalhos, olhos de azul profundo, emoldurados pelos vincos típicos de um homem de 60 anos. Um profissional respeitado pelos anos de trabalho e experiência adquirida. Era um médico querido, admirado pelos companheiros e pacientes que lhe devotavam total confiança. Pelo menos, a maior parte deles.

Quando Enzo percebeu a chegada dele, a raiva invadiu o seu coração. Isso acontecia sempre. Não se conformava com a doença nem admitia perder o controle do próprio corpo. Então, culpava a Deus por permitir que fosse atingido assim, e o doutor Mendes por não conseguir fazer absolutamente nada.

– Boa tarde, boa tarde – entrou, cumprimentando o paciente e Alice. – Como vamos hoje, seu Enzo?

– Como poderia estar? – respondeu, sem disfarçar a irritação.

O doutor não se importava com os modos de Enzo. Havia se acostumado ao seu constante estado de espírito perturbado. Alice, não. Já havia conversado com o marido, pedindo-lhe que fosse mais educado com o médico, mas foi inútil. Então, quando o médico entrava, ela saía, aguardando no corredor.

O doutor realizou o check-in habitual, fazendo anotações e se surpreendeu quando Enzo iniciou uma conversa em tom de murmúrio:

– Hoje assisti a uma reportagem sobre a morte de um aposentado num hospital público...

– É mesmo? É uma pena que neste país isso tenha se transformado em algo corriqueiro. Hospital público? Chega a ser revoltante ver como os pacientes são amontoados e as péssimas condições que os profissionais de saúde têm para trabalhar. Acho que o senhor não deveria acompanhar esse tipo de notícia... Isso deprime qualquer um.

– Eu vi um rapaz... Recebendo o soro, algemado na cadeira onde estava sentado... Um ladrãozinho... Não devia ter mais do que dezesseis, dezessete anos...

Anotando os dados na ficha do paciente, o doutor percebeu que rumo tomaria aquela conversa e comentou:

– Dezesseis anos? Que tipo de vida essa pobre criatura terá no futuro?

– Pois eu daria tudo o que tenho para estar no lugar dele... Todo o meu dinheiro para sentir meu corpo saudável outra vez.

O doutor Mendes se surpreendeu com o comentário. Seus olhos fixaram-se em um ponto à sua frente, enquanto as mãos permaneciam segurando o relatório médico, imóveis. Então, respirou fundo, repousou uma mão sobre o ombro de Enzo e disse, antes de sair:

– Nunca perca a esperança. Nunca se sabe o que Deus reserva para a vida da gente... – e ficou a pensar se Enzo era

realmente merecedor de uma segunda chance. O que ele poderia fazer com ela?



Maurício mandou nova mensagem de texto à mãe tão logo desembarcou, avisando da sua chegada, e que passaria em casa para tomar um banho rápido, trocar de roupa, e logo seguiria para o hospital, o que aconteceu duas horas depois.

Ele reencontrou a mãe no corredor, do lado de fora do quarto e percebeu a tensão de Alice que antevia outra grave discussão entre pai e filho. Ao vê-la, com o coração cheio de saudade e alegria por estar nos braços da melhor mãe do mundo, como sempre a tratava, abraçou-a demoradamente. Maurício afastou-se um pouco a fim de perguntar-lhe:

– Como está o papai?

Ela suspirou fundo, seus ombros caíram, derrotados:

– A doença avançou muito. Ele conversa normalmente, está lúcido, mas revoltado... perdeu completamente o controle dos membros inferiores.

– Meu Deus... A doença foi mais rápida do que esperávamos... Bem, acho melhor entrar e enfrentar a fera de uma vez.

Alice segurou as mãos dele com força, questionando-o:

– Tem certeza? Apesar de não ter controle sobre boa parte do corpo, seu pai continua o cabeça-dura de sempre. Sabe que ele irá prendê-lo por voltar tão cedo, não é?

– Claro que sei, mãe. Estou preparado para a bronca de boas-vindas – brincou.

Como num acordo silencioso, ela abriu a porta e entrou, seguida de perto por Maurício. Enzo estava com os olhos cerrados e parecia cochilar. Alice aproximou-se, passou a mão nos cabelos dele, carinhosamente, e disse com voz suave:

– Meu amor, você tem visita.

Enzo abriu os olhos devagar e encontrou os dela, para depois se virar e reconhecer a figura do filho, que o olhava, tranquilo, com um sorriso estampado no rosto. Havia mudado bastante desde a última discussão entre eles. Maurício envelhecera, ou melhor, amadurecera. Não parecia mais aquele jovem de constituição frágil. Com o corpo mais definido, aparentava estar mais alto – ou seria a posição horizontal, de entrevado de Enzo que lhe dava essa sensação? –, o cabelo, mais longo, e o rosto já parecia possuir algumas marcas de expressão.

Enzo apertou os olhos para se certificar de que o estava vendo mesmo e, depois de alguns segundos, resmungou:

– Maurício?

Ele aproximou-se, colocou sua mão sobre a do pai, respondendo:

– Sim, sou eu, papai.

– Mas que diabos está fazendo aqui? – Enzo retrucou, sem esconder a contrariedade.

Maurício, na expectativa daquela reação, manteve a calma:

– Vim vê-lo.

– Mas eu não falei para ficar tomando conta de tudo?

– Falou – concordou, com alguma ironia.

– Então, por que está aqui?

– Ué... você sempre tomou conta dos negócios à sua maneira. Eu tomo da minha e continuamos a ganhar dinheiro da mesma forma. Então, como eu decido tudo agora, resolvi tirar uns dias de folga e o lugar que escolhi para passá-los, por coincidência, foi aqui mesmo. Perto da mamãe e do senhor.

Enzo franziu as sobrancelhas e crispou a boca. Em outra circunstância, socaria a mesa, a parede, ou qualquer coisa sólida que estivesse próxima de seus punhos. Como não havia como fazer isso naquele momento, só lhe restou elevar o tom de voz, o que fez com muito esforço, na verdade.

– Eu não quero você por aqui! Volte já ao seu trabalho!

Maurício não se surpreendeu, mas controlou a emoção:

– Você não quer que eu fique aqui, pai?

– Não, eu já disse! Não deveria ter voltado! Era para seguir as minhas ordens!

– Como sempre... Desculpe, mas quem dá as ordens hoje sou eu. E acho que, pela primeira vez em minha vida, não vou obedecê-lo. Não há nada nem ninguém que me tire do lado dessa cama. Você vai ter de aturar minha presença aqui, queira isso ou não.

Enzo e Alice se surpreenderam com a reação firme de Maurício, que sempre se comportara de maneira cordata demais em relação ao pai. Definitivamente, aqueles meses, sozinho, à frente das empresas havia feito bem à personalidade dele.

Enzo permaneceu em silêncio por alguns instantes. Sentia-se preso em um círculo eterno, tentava, mas não havia como sair do lugar. Isso o angustiava. Questionou, em seguida, um pouco mais desarmado:

– Você esteve nos escritórios da Itália?

– Sim, estive.

– Como estão as coisas por lá?

Maurício sorriu, vitorioso. Aquela pergunta era mais importante do que qualquer elogio que esperasse. Havia enfrentado o pai pela primeira vez, e melhor, vencido a sua resistência, um pequeno avanço. Ele puxou uma cadeira para perto da cama, sentou-se e começou a explicar o que havia encontrado naquela filial. Os problemas, as boas notícias, toda a informação acumulada em sua memória.

Alice buscou sua poltrona perto da janela, agarrou-se ao rosário mais uma vez e, silenciosamente, rezou a fim de agradecer a Deus pelo que havia sucedido ali. Há tempo pai e filho não conversavam civilizadamente.



Naquela tarde, depois que a presença de Maurício deixou de ser novidade, Enzo observou-o conversando com a mãe, um pouco afastados da sua cama. Enquanto examinava o homem feito em que ele se transformara, ruminou, com uma ponta de culpa, o seu passado:

“Ele é um bom filho. Sempre foi obediente, responsável. O problema é que não importa o que ele faça, ainda assim não consigo perdoar-lhe. Se não fosse por ele, eu poderia ter dado uma virada em minha vida quando tive a chance...” — sentenciou, em seu íntimo.

Maurício não sabia que era objeto da observação do pai naquele momento. Olhou-o e sorriu, inocente. Depois, buscou o controle remoto e começou a zapear os canais da TV até encontrar um de esportes que transmitia uma partida de tênis.

— Olha, pai, que legal. Tá passando a final do aberto dos Estados Unidos. Quer assistir?

Maurício sabia que o tênis, após os negócios da empresa, era a grande paixão do pai, e sempre admirava uma foto que seu velho mantinha na biblioteca. Nela, Enzo teria uns dezoito anos e, feliz, levantava uma taça em um campeonato juvenil, realizado em algum lugar da Europa. Era raro ver o pai sorrindo. Por isso, aquela foto era emblemática.

— Tênis... — murmurou Enzo.

E pensou consigo mesmo:

“Se tivesse seguido o meu sonho e não os desejos do meu pai teria sido feliz. Eu tinha tanto talento e tão pouca coragem...”

Irritado com suas próprias reflexões, voltou o rosto para a parede e ordenou, ríspido:

— Tire desse canal. Odeio tênis!

Maurício sabia que isso não era verdade, mas resolveu atendê-lo. Compreendia a revolta, paralisado naquela cama. Além do mais, já o contrariara o suficiente.

A volta de Maurício não seria a única surpresa para Enzo naquele dia. O doutor Mendes havia chegado para mais uma visita diária e estava, dessa vez, acompanhado por uma enfermeira.

Alice apresentou-o ao filho e, após breve conversa, dirigiu-se ao seu paciente:

– Como estamos hoje?

A resposta foi uma bufada de um Enzo colérico. Nada que impressionasse o doutor Mendes, mas Maurício pôde constatar o ânimo que seu pai expressava em gestos, uma vez que, para ele, nunca foi fácil demonstrar os sentimentos claramente em palavras.

Depois de orientar a assistente sobre alguns procedimentos, ele se dirigiu a Alice e Maurício em tom baixo:

– Eu gostaria de conversar com vocês a sós, no meu consultório. Seria possível?

– Agora, doutor? – questionou Alice, preocupada.

– Se não for inconveniente, vou deixar minha assistente aqui para fazer companhia ao seu Enzo. Então, vamos?

E ambos concordaram. Quando já se encontravam fora do quarto, o médico levou a mão à testa, reclamando, em voz alta:

– Estava me esquecendo... Preciso fazer mais um exame, mas é rápido. Vamos fazer o seguinte, minha assistente os levará até o meu consultório e, tão logo eu termine, me reunirei a vocês. Não se preocupem, não demorarei mais do que cinco minutos.

Alice e Maurício nem tiveram tempo para contestar. O doutor Mendes retornou ao quarto e a assistente o deixou rapidamente para acompanhá-los.

Então, a sós com Enzo, o médico pôde se aproximar do leito para dar início a uma conversa mais sensível.

– O que foi, doutor? A minha hora já está chegando? Sua previsão de três meses de vida era otimista demais?

O médico fez uma pausa e retrucou:

– Lembra-se quando comentou que trocaria de lugar com aquele ladrãozinho da reportagem? Que daria tudo o que tinha para estar no lugar dele?

– Sim, claro que eu me lembro. Por quê?

– Conheço algumas pessoas que talvez possam ajudar...

– Quem?

– Tem uma pessoa no corredor, esperando para falar contigo. O hospital não tem vínculo algum nem com ela ou com as pessoas que representa. Nenhum compromisso financeiro, científico ou profissional. Espero que eu esteja sendo muito bem claro. Para todos os efeitos, a conversa que tiverem aqui jamais aconteceu, ok?

– Tudo bem... – concordou Enzo, intuindo que havia algo de ilegal no ar.

– Tive o cuidado de afastar sua esposa e filho para que não se sentisse pressionado de alguma forma. Eles ficarão comigo o tempo necessário para que... essa pessoa converse com o senhor. Boa sorte – disse, ao deixar o quarto para dar passagem a um rapaz. Um jovem desconhecido, bem vestido e cujas intenções eram desconhecidas para o desesperançado Enzo.